



Apresentação da UMAR

A UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta - é uma associação sem fins lucrativos, formada em 1976. Sendo uma associação feminista, desde há quarenta anos, tem como filosofia de intervenção a defesa e promoção dos Direitos das Mulheres e da Igualdade de Género. A UMAR é membro do Conselho Consultivo da CIG – Comissão para a Cidadania Igualdade de Género e tem contribuído para a elaboração dos Planos Nacionais para a Igualdade e Cidadania, contra a Violência Doméstica e contra o Tráfico de Seres Humanos. Possui várias áreas de intervenção como: igualdade de género, violência de género e intervenção social, cultural e política, agindo também como promotora de projetos.

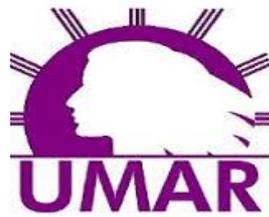
Uma das áreas prioritárias da UMAR é o trabalho de prevenção primária junto dos/as jovens, com foco nas escolas. Com experiência neste âmbito desde há 12 anos, a UMAR tem conhecimento de causa e dados comprovativos da importância deste trabalho de prevenção na vida dos/as jovens.

Mais recentemente, a UMAR tem vindo também a desenvolver algum trabalho de prevenção secundária e terciária, em contextos de centros educativos e lares de infância e juventude, áreas de intervenção que não deverão ser descuradas.

Esta área especializada da UMAR - Género e Educação – pretende, em especial, erradicar a violência baseada no género e noutros preconceitos discriminatórios, como a homofobia, o racismo e a misoginia e promover uma cultura de igualdade e respeito entre todos os seres humanos.

Paralelamente a este trabalho, são desenvolvidos alguns estudos de investigação, nomeadamente ao nível da Violência no Namoro, cujos resultados reforçam ainda mais a necessidade de uma intervenção mais integrada, holística e sistemática.

Acreditamos que este seja o caminho para uma sociedade com uma cultura de não-violência, já que os resultados deste programa de prevenção são de facto muito positivos e entusiasmantes.



Relatório de Imprensa
Dados Violência no namoro 2016

Violência no namoro - UMAR 2016

Introdução

A Violência no Namoro, muito embora seja uma problemática presente nas sociedades patriarcais, só há pouco tempo começou a ser encarada com maior atenção. Nos dias de hoje, é considerada como um problema de saúde pública e encontra-se na agenda política nacional e internacional. Esta constitui uma violência nas relações de intimidade e violência de género, resultado das relações desiguais de poder, em que uma das partes da relação, na maior parte das vezes o homem/rapaz, tenta impor a sua força submetendo a vítima a comportamentos de poder e de controlo.

Dada a sua dimensão e o seu alargado reconhecimento, este fenómeno integra a tipologia legal da Violência Doméstica. Muito embora a sua introdução legal seja comumente indicada para o ano de 2013, a violência no namoro é criminalizada desde 2007, através da alínea b) do artigo 152.º do Código Penal, após alteração pela Lei nº59/2007 que “ *Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais: b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação*”. A expressão “**relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação**”, indicava já a inclusão de relações que, embora não estivessem sob um contrato de casamento ou numa relação de união de fato, mantinham uma relação de intimidade. Também as relações de intimidade violentas entre casais de pessoas do mesmo sexo, gays ou lésbicas, estão igualmente incluídas neste mesmo artigo da alteração do Código Penal de 2007. Ainda assim, a Lei n.º19/2013 veio integrar de forma mais explícita a violência nas relações de namoro: “A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido **uma relação de namoro** ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação”. Para além disso, o Código Penal vem também nesse ano (2007) enquadrar as relações violentas em casais homossexuais.

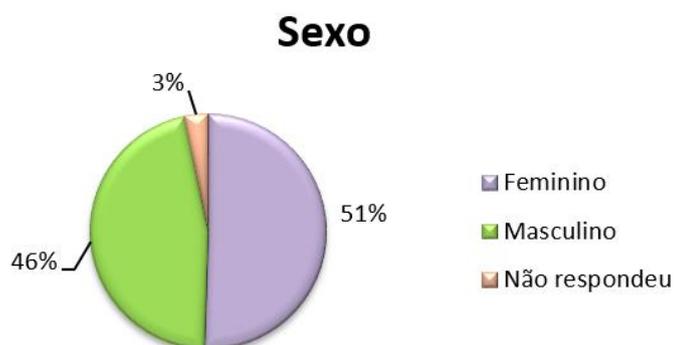
A UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta tem vindo a desenvolver um estudo junto de jovens, no âmbito do seu trabalho de prevenção primária da Violência de Género em contextos educativos.

Este estudo abrange cerca de 2500 jovens com idades entre os 12 e os 18 anos, cuja média de idades se centra nos 14 anos, e foi desenvolvido nos distritos do Porto, Braga e Coimbra. A análise dos dados, recolhidos nos últimos 4 meses, foi dividida em duas perspetivas essenciais: a) a prevalência da vitimação nas relações de namoro e b) a legitimação dos atos violentos pelos/as jovens.

Fazendo uma análise temporal dos estudos desenvolvidos pela UMAR nesta matéria, podemos concluir que, há um aumento nas questões da vitimação. Ainda assim, esta ilação não nos diz necessariamente que a vitimação aumentou pois poderá representar também um aumento de consciência dos/as jovens acerca dos comportamentos violentos nas suas relações de intimidade. É, de facto de extrema importância salientar que a violência no namoro é crime e que os/as jovens devem procurar aconselhar-se com um/a adulto/a de confiança que possa encaminhar a situação para os/as técnicos/as especializados/as.

Estudo da UMAR sobre a violência no namoro:

Este estudo foi desenvolvido com cerca de 2500 jovens do Porto, Braga e Coimbra. No total, tal como se pode observar pelo gráfico abaixo, a amostra foi constituída por 51% de jovens do sexo feminino e 46% do sexo masculino, tendo idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. A média de idades dos/as inquiridos/as é de 14 anos.



Dados da vitimação na violência no namoro:

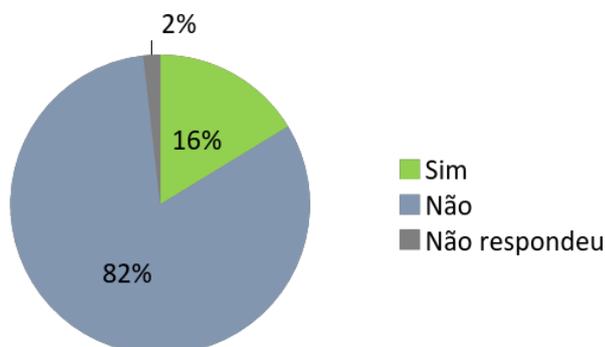
Relativamente aos dados de vitimação, apenas consideramos os dados dos/as jovens que referiram já ter estado numa relação de namoro. Isto significa que foram retirados os dados dos/as jovens que não responderam se já tinham namorado, bem como os dados dos/as jovens que referiram que nunca tinham tido uma relação de namoro. Dos/as jovens que já tinham tido alguma relação de namoro, 59% da amostra total, pudemos observar que 8,5% já foi vítima de violência psicológica; 5% foi vítima de violência física e 4,5% vítima de violência sexual.

Vitimação	% de jovens vítimas
Violência Psicológica	8,5%
Violência Física	5%
Violência Sexual	4,5%

Em seguida, apresentamos alguns dos resultados considerados como mais relevantes em relação à prevalência das várias formas de violência no namoro.

Relativamente ao uso inapropriado, e não autorizado, do telemóvel do/a parceiro/a para ver/ler mensagens e chamadas, temos uma prevalência de 16% dos/as jovens. Isto significa que há um grande número de jovens que vê a sua privacidade a ser invadida pelo/a companheiro/a.

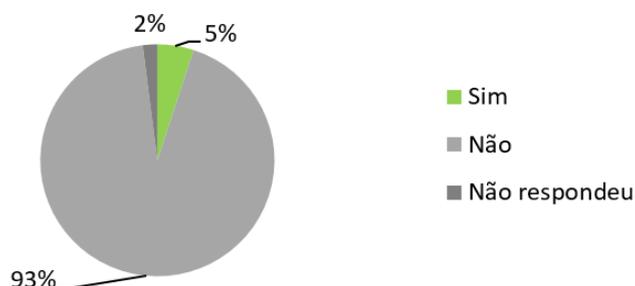
Mexer no telemóvel sem autorização?



No que diz respeito a agressões físicas, 5% dos/as jovens referem já ter sido vítimas, pelo menos uma vez, de alguma forma de agressão física (incluindo bater,

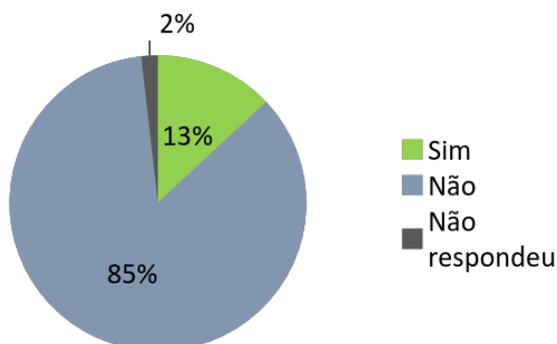
empurrar, puxar, bofetadas etc). Sendo esta uma das formas de violência considerada mais visível, este dado é preocupante.

Sofreram agressões físicas

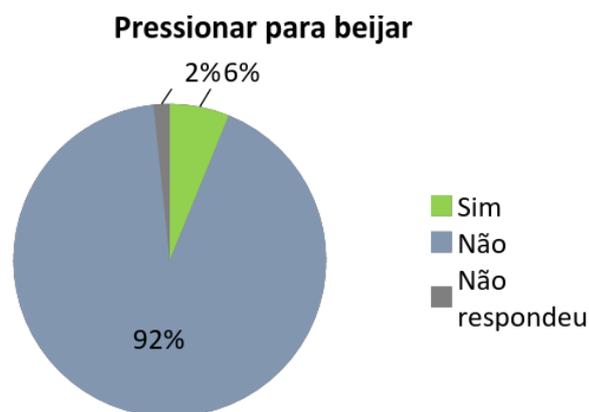


Uma percentagem importante de jovens afirma ser alvo de proibições de estar ou falar com colegas. Os dados mais recentes apontam para que, 13% da nossa amostra, tenha sido alvo destas proibições. A tentativa de limitar, ou reduzir, a vida social da pessoa é, de facto, uma forma de violência e de manifestação de poder com alguma prevalência nestas idades juvenis.

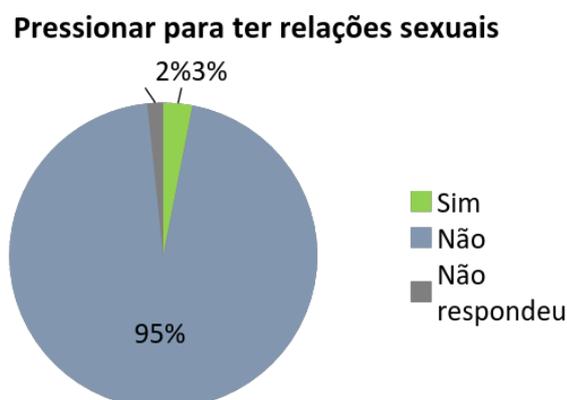
Proibir de estar ou falar com alguém



Quanto a demonstrações de afeto forçadas, 6% dos/as jovens referem já ter sido pressionados/as para beijar o/a companheiro/a em público, especificamente à frente de outras pessoas. Este resultado significa que para 6% dos/as jovens o namoro está associado à demonstração de um sentimento de posse em relação ao/à seu/sua namorado/a, forçando-o/a inclusivamente a manifestar esse “amor” à frente de outro/as. Mais ainda, indica que uma parte da população jovem associa sexualidade com violência.



Não menos importante é a percentagem de jovens que refere já ter sido vítima de pressão para ter relações sexuais com o/a companheiro/a. Neste estudo em concreto, 3% do total da amostra já foi, pelo menos uma vez, vítima desta forma de violência (que inclui o uso da força física, mas fundamentalmente também a pressão psicológica que o ofensor exerce sobre a vítima). Se tivermos em conta que a amostra é constituída por jovens cuja idade média é de 14 anos, esta percentagem demonstra a clara necessidade de intervir precocemente.



Dados da legitimação na violência no namoro:

Relativamente à legitimação da violência, quando questionados em relação à sua opinião sobre considerar, ou não, determinada situação como violenta, temos um resultado geral de 22% dos/as jovens que não reconhecem a violência no namoro, isto é, não identificam os comportamentos de controlo e de agressão como violência. Especificamente em relação às várias formas de violência, a psicológica continua a ser a mais legitimada e portanto menos reconhecida como violência pelos/as jovens. Logo de seguida temos a violência sexual, que neste estudo incluiu as questões de pressionar para beijar e de pressionar para ter relações sexuais com 23% dos/as jovens a não

reconhecerem estes atos enquanto violência no namoro. Finalmente temos ainda 9% dos/as jovens que não reconhece a própria violência física como ato condenável. De realçar ainda, a discrepância entre o feminino e masculino, em que os rapazes continuam a legitimar mais todas as formas de violência, quando comparados com as raparigas. Na violência física e na sexual o valor é inclusivamente mais do dobro no caso dos rapazes.

Legitimação	Total	Feminino	Masculino
Violência Psicológica	24,3%	20,6%	28,8%
Violência Física	9%	6%	13%
Violência Sexual	23%	14,5%	32,5%

Alguns dos comportamentos específicos analisados, considerados como mais relevantes no que diz respeito à legitimação da violência encontram-se descritos abaixo.

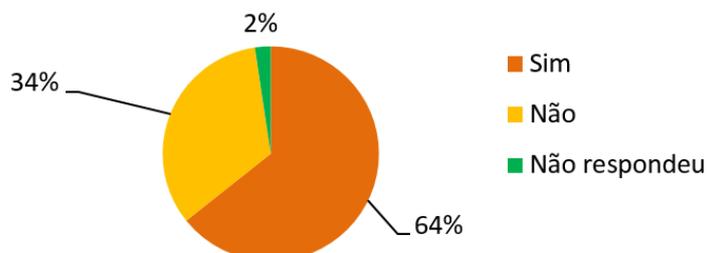
Relativamente à questão, se consideram violento que o/a namorado/a o/a proíba de sair sem ele/ela, as respostas são preocupantes, já que apenas 64% dos/as jovens reconhece esta situação como violência. Pelo contrário, 33% dos/as jovens não considera este comportamento de proibição enquanto uma situação de violência no namoro.

Proibição de sair



Mais de 30% dos/as jovens (34%) não considera um comportamento violento pegar no telemóvel do/a parceiro/a sem pedir autorização para ver as chamadas e mensagens trocadas.

Mexer no telemóvel sem autorização



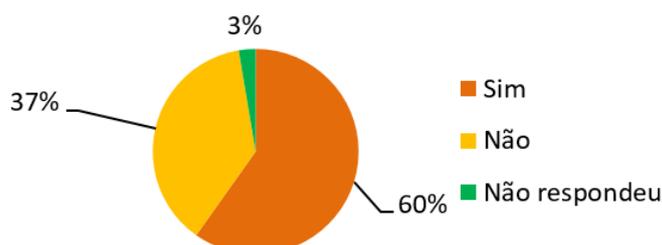
Quanto à questão da proibição por parte do/a namorado/a de estar ou falar com outros/as amigos/as, a percentagem de jovens que não consegue distinguir este ato como violento é muito elevada: 32%.

Proibir de estar ou falar com alguém



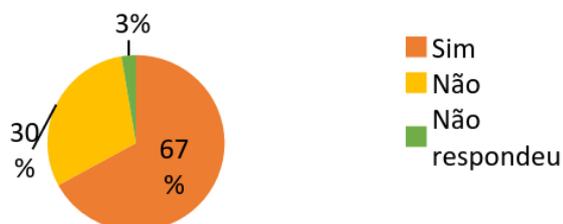
Quanto à proibição feita pelo/a namorado/a em relação a vestir determinada peça de roupa, verificam-se os dados mais preocupantes: 37% do total dos/as inquiridos/as não considera esta situação como violência.

Proibição de vestir alguma peça de roupa



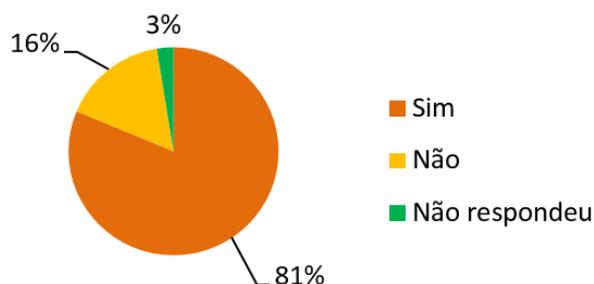
Quanto a fazer pressão para beijar o/a companheiro/a à frente dos/as amigos/as temos 30% dos/as jovens a não considerar esta situação como errada. No caso das raparigas a percentagem é de 22% e sobe para os 39% no caso dos rapazes, que não consideram esta situação como violência no namoro.

Pressionar para beijar



Finalmente, 16% dos/as inquiridos/as consideram normal pressionar o/a companheiro/a a ter relações sexuais com ele/a. Novamente a diferença de sexo é impressionante: os rapazes legitimam mais de o triplo (26%) de vezes esta forma de violência do que as raparigas (7%).

Pressionar para ter relações sexuais

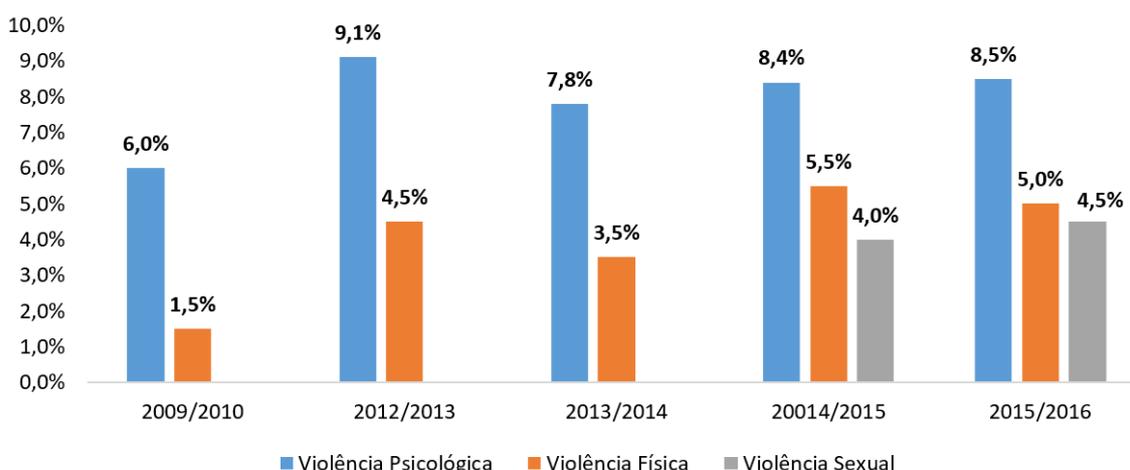


Comparação com dados anteriores da UMAR:

Tendo em consideração o último estudo da UMAR apresentado em 2015, os dados não se revelam muito diferentes. Verificamos um aumento da consciência do que é a violência no namoro, e, portanto, diminuição da legitimação e um aumento da vitimação. Em relação à vitimação, embora os dados nos possam indicar esse aumento, isto pode não significar, necessariamente, que a violência no namoro esteja a aumentar; pode querer dizer maior reconhecimento dos comportamentos que constituem o padrão da violência.

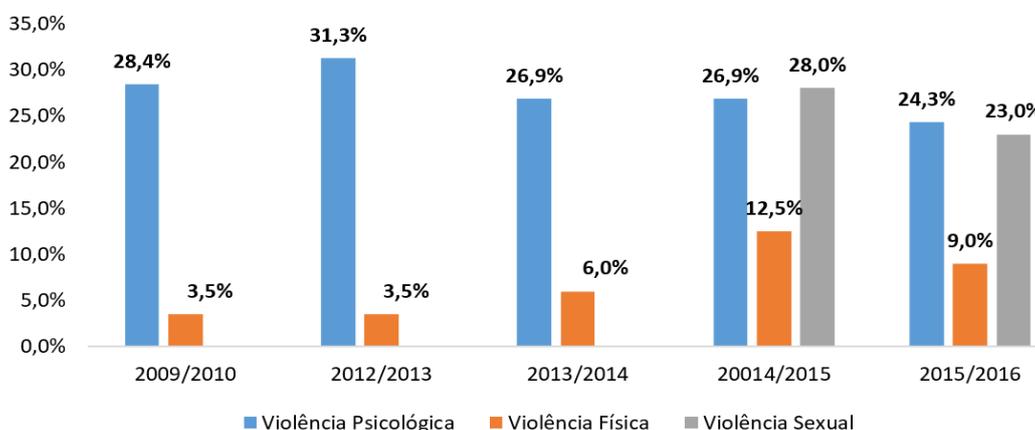
Como é perceptível pelo gráfico abaixo ilustrado, desde 2009, e relativamente à vitimação, existem algumas oscilações quer ao nível da violência física quer ao nível da violência psicológica. As questões relativas à violência sexual foram apenas inseridas no ano 2014/2015, pelo que apenas temos como termo de comparação atual, os dados apresentados nesse mesmo ano. Esta necessidade de incluir as questões da violência sexual advém das mudanças culturais intrínsecas à própria violência e ao reconhecimento destas formas de violência enquanto tal.

Análise comparativa da vitimação 2009/2010 a 2015/2016



Quanto à legitimação dos comportamentos violentos, verificamos que também há algumas oscilações quer ao nível da violência física quer ao nível da violência psicológica, não obstante se assistir a uma queda na legitimação da violência física do último ano letivo para este.

Análise comparativa da legitimação da violência 2009/2010 a 2015/2016



Ainda quanto à legitimação, é com agrado que assistimos a uma diminuição de jovens que não identificam os comportamentos violentos, portanto que reconhecem a violência, o que pode indicar que o trabalho de consciencialização tem tido impacto junto dos/as jovens, reforçando a necessidade de um maior investimento nesta área. Deve também ser salientada a posição da UMAR relativa à necessidade de congratular os/as jovens pela capacidade de pedirem ajuda nos casos de violência no namoro.

Conclusões e recomendações

Do dados analisados, salienta-se, como primeira conclusão, que não houve qualquer questão analisada em que os/as jovens não tenham sido vítimas. A taxa de vitimação dos/as jovens em relação à violência no namoro é de 7%. Concretamente, a vida social das vítimas está a ser restringida e a sua privacidade minimizada pelos/as companheiros/as quando estes/as pegam no seu telemóvel sem autorização para ler mensagens ou ver chamadas. Mais ainda, em termos de violência sexual temos uma percentagem de vitimação de 4,5%, o que, tendo em conta a idade dos/as inquiridos/as, é muito preocupante. No que diz respeito à violência física, percentagem é de 5% que refere já ter sido vítima de agressão física, o que é igualmente muito alarmante. Finalmente, é também de salientar que a violência psicológica continua a ser a mais frequente nas relações de namoro não saudáveis com uma percentagem de 8,5%.

Numa segunda análise é importante realçar que não houve qualquer situação violenta reconhecida pela totalidade dos/as jovens inquiridos/as. Em todas as questões alguns jovens ainda legitimam a violência. As proibições de vestir determinadas peças de roupa, pegar no telemóvel do/a companheiro/a sem autorização e as proibições de sair são as questões em que os/as jovens respondem com mais frequência que não consideram violentas. Em todas estas situações, mais de 33% dos/as jovens considera este comportamento como normal. Isto significa que 1 em cada 3 jovens legitima estas formas de violência.

Podemos também concluir que, em todas as questões, a legitimação da violência no namoro é maior nos rapazes do que nas raparigas: uma maior percentagem de jovens do sexo feminino reconhece como violência os atos apresentados, comparativamente aos

jovens do sexo masculino. Em várias situações, nomeadamente no forçar a fazer algo que não querem, nas agressões físicas, nas ameaças de agressão ou abandono, nas humilhações e ainda na violência sexual, os rapazes legitimam em mais de o dobro esta violência, quando comparados com as raparigas. A normalização das agressões sexuais nas relações de namoro apresentam também valores muito altos (16%). Aqui, a diferenciação de entre rapazes e raparigas é significativa, uma vez que a legitimação destes comportamentos pelos rapazes é o triplo (26%) relativamente às raparigas (7%). É positivo que cada vez mais raparigas deslegitimem a violência, será importante que o trabalho pedagógico com os rapazes se revista de maior eficácia.

Perante estes dados, e da comparação com os dados recolhidos em anos anteriores, permanece a necessidade e urgência de uma intervenção com os/as jovens, o mais precocemente possível, no sentido de prevenir a violência sob todas as formas.

A prevenção primária deve também incidir sobre os comportamentos violentos legitimados pelos/as jovens e que não são tão visíveis, como as formas de controlo da privacidade, violência psicológica e sexual. Assim, a UMAR defende que a prevenção primária da violência de género deveria chegar a todos/as os/as jovens de forma de forma sistemática e holística, evitando e procurando erradicar os comportamentos violentos através da reflexão e aprendizagem realizada pelos/as próprios/as jovens.

Autoras:

Ana Guerreiro

Ana Margarida Teixeira

Ana Teresa Dias

Cátia Pontedeira

Joana Cordeiro

Maria José Magalhães

Micaela Silva

Patrícia Ribeiro

Tatiana Mendes